

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS
SOCIEDADE, CONHECIMENTO E POLÍTICA

Acerca da Fecundidade depois dos 40:
Padrões "Rurais" para Comportamentos "Urbanos"?

Rosalina Costa
Universidade de Évora

A fecundidade após os 40 anos: no limiar entre o descuido e a opção

A modernidade trouxe, entre outras coisas, a possibilidade de as mulheres decidirem livremente sobre terem filhos, o número de filhos que querem ter e a idade em que estes nascem. Só assim se compreende aliás que muitas mulheres terminem o seu ciclo reprodutivo sem que tenham ainda terminado o seu período fértil.

Analogamente, poderemos dizer que quando o controlo da fecundidade é bastante reduzido, as mulheres fazem coincidir muito de perto o encerramento do período fértil com o encerramento do ciclo reprodutivo.

Facilmente identificaremos o primeiro caso com as sociedades modernas actuais e o segundo caso com sociedades tradicionais ou rurais de outrora. Como classificar então os nascimentos que na actualidade surgem em mulheres com idade superior a 40 anos, muitas vezes rotulados como “fora do tempo”, naquilo que aparenta ser um padrão “rural” para um comportamento “urbano”?

As características biológicas que estão na base do padrão da fecundidade são bem conhecidas de todos. De facto, o nível de fecundidade, as idades de ascensão e declínio da mesma variam mas encontram-se em todas as sociedades, o que permite identificar “um modelo único que tem a forma de um «chapéu»” (Nazareth, 1996: 166). É fácil imaginarmos este modelo se tivermos em conta que, partindo de valores nulos, é somente após a primeira menstruação e de forma significativa, depois dos 15 anos, que a capacidade reprodutiva vai aumentando nas mulheres para atingir um pico máximo entre os 20 e os 35 anos para, daqui em diante, encetar o caminho inverso, do declínio, até que atinge de novo um nível mínimo, muito próximo do zero com os 50 anos, altura em que a menopausa encerra quase que totalmente o período fértil.

A modernidade e a transição demográfica que a caracteriza, impõe novas dinâmicas populacionais no contexto da sociedade ocidental. No domínio da

natalidade e da fecundidade em particular, estas dinâmicas deixam-se transparecer de um modo fácil, ao reflectirem-se no modelo atrás referenciado, nomeadamente através de “uma redução do período de actividade fecunda das mulheres – a qual terá passado a iniciar-se mais tarde e a *encerrar* mais cedo –, a qual decorre obviamente do controlo dos ritmos e intervalos da procriação, por parte das mulheres e ou dos casais” (Bandeira, 1996: 175).

Estas alterações, que no plano da demografia, concentram a idade média de fecundidade entre os 20 e os 35 anos, são acompanhadas, no plano da demografia social pelo “efeito sociológico” (Taeuber *et al*, 1978) que caracteriza a sociologia da fecundidade¹, e que se pode descrever sumariamente da seguinte forma: quanto mais velha é a mulher, maior é a probabilidade de estar envolvida em actividades não familiares; maior é a probabilidade de os seus contemporâneos geracionais terem já terminado a procriação e quanto mais velha é a mulher, menos apoio receberá dos outros para ter filhos (Taeuber *et al*, 1978).

A idade é, sem dúvida, um factor importante quando analisamos a fecundidade, de tal forma importante que mais determinante que a componente biológica é de facto a componente social² que remete a tarefa de ter filhos para um tempo considerado ideal.

É certo que o maior controlo da fecundidade concentra a idade média de fecundidade num número reduzido de anos. Isto não invalida no entanto a fecundidade dispersa pelos extremos. Nos diferentes grupos de idade, são muitos e variados os níveis de fecundidade.

Se, próximo do extremo inferior e portanto, dos 15 anos, quando falamos em gravidez na adolescência, os desafios colocados às sociedades são enormes, próximo do extremo superior, ou seja, dos 40 aos 50 e portanto, na última década em que biologicamente ainda é possível ter filhos, até que a menopausa encerre definitivamente esta possibilidade, os desafios não são menores. Socialmente esta possibilidade é encarada de forma diversa e polémica. Nascerão estes filhos, de

¹ Nas palavras do autor, o efeito sociológico que caracteriza a sociologia da fecundidade pode-se então traduzir por “the older the woman, the more likely she is to be involved in nonfamilial activities; the older the woman, the more likely that her age contemporaries have completed their childbearing; and the older the woman, the less support and urging she will receive from significant others to have children” (Taeuber *et al*, 1978: 52).

² Conclui-se então que “age has an effect on fertility greater than its simple biological component, and that the reasons for that effect are sociological (Taeuber *et al*, 1978: 47).

alguma forma, fora do tempo³? Ou, pelo contrário, se ainda é possível, porque não ter filhos quando a vida o permite e a isso se proporciona?

Tendo por referência uma abordagem desenvolvimentista da família (Klein & White, 1996), a relação entre a fecundidade após os 40 e as mutações ao longo da carreira familiar tornam-se por demais evidentes.

Quem são as mulheres que têm filhos após os 40 anos de idade, porque é que isto acontece, quais são os factores que estão na base deste facto? Para responder a esta questão é necessário estudar, descrever e explicar as relações entre a fecundidade após os 40 anos e carreira familiar, daí a importância de conhecer o percurso escolar, profissional e familiar destas mulheres para, só assim, compreender os filhos após os 40 anos como fruto de um “descuido” ou deliberadamente planeados e desejados.

Ter filhos na última década do período fértil

Partindo do pressuposto que no nosso país, as mulheres reduzem a utilização do intervalo fértil a partir de uma determinada idade, interessa-nos caracterizar esse mesmos nascimentos, catalogados tantas vezes como “filhos fora do tempo”.

Com o objectivo de caracterizar o perfil das mulheres que têm filhos depois dos 40 anos, centrou-se a análise apenas na última década do período fértil, procurando traçar a sua evolução no passado recente, nomeadamente, de 1991 a 1999, analisando-se separadamente o grupo de idade dos 40-44 anos e o grupo dos 45-49 anos⁴, reunidos num grupo global de síntese para os 40 e mais anos (40-49).

Uma análise da fecundidade mais refinada conduz inevitavelmente a investigação em direcção ao cálculo das taxas de fecundidade por idade⁵ ou mais

³ “Family stages and events are experienced as «on time» or «off time» with the expected timing for these events. For instance, giving birth to a child when your post adolescent children are leaving home would be «off time».” (Klein & White, 1996: 129).

⁴ Quando do cálculo das taxas de fecundidade específicas por idades procedeu-se à inclusão dos nascimentos ocorridos em mulheres com idade inferior a 15 anos no grupo de idade dos 15-19 e dos nascimentos ocorridos em mulheres com idade superior a 50 anos no grupo de idade dos 45-49 (Nazareth, 1996: 165).

⁵ As taxas de fecundidade por idade constituem de facto o tipo mais corrente de índices de fecundidade que nos permite, através do número de mulheres por cada grupo de idade no período fértil e o número de nascimentos ocorridos em cada um desses grupos de idade⁵, obter uma ideia exacta sobre a fecundidade numa determinada região. Para os cálculos efectuados utilizou-se informação proveniente do XIII Recenseamento Geral da População e das Estatísticas Demográficas 1991-1999.

concretamente por grupos de idade, privilegiando os já referidos 40-44, 45-49 e 40-49 anos.

Uma conclusão é desde logo evidente. Tendo em conta que as mulheres controlam o seu ciclo reprodutivo, este controle faz-se de forma alibertar o extremo superior do período fértil. Quer isto então dizer que, "por essa razão, os nascimentos observados em mães com idades superiores a 40 anos não têm significado em relação ao total de nascimentos observados no conjunto das mulheres" (Mendes, 1992: 287). De facto, em Portugal, no ano de 1999, os nascimentos ocorridos após os 40 anos de idade representam apenas 1,98% do total de nascimentos ocorridos [Quadro 1].

Quadro 1. Fecundidade depois dos 40 anos Portugal 1999

Grupos de Idade	População 1991	Nascimentos 1999	Peso dos Nascimentos no Total	Taxas de Fecundidade
	[V.A.]	[V.A.]	[%]	[%o]
15-19	417348	7360	6,35	17,64
20-24	378597	24537	21,15	64,81
25-29	367072	38998	33,62	106,24
30-34	353620	30323	26,14	85,75
35-39	339301	12479	10,76	36,78
40-44	326864	2174	1,87	6,65
45-49	297958	122	0,11	0,41
40-49	624822	2296	1,98	3,67
<i>Total</i>	2480760	115993	100	46,8

Fonte: INE, XIII Recenseamento Geral da População e Estatísticas Demográficas 1999

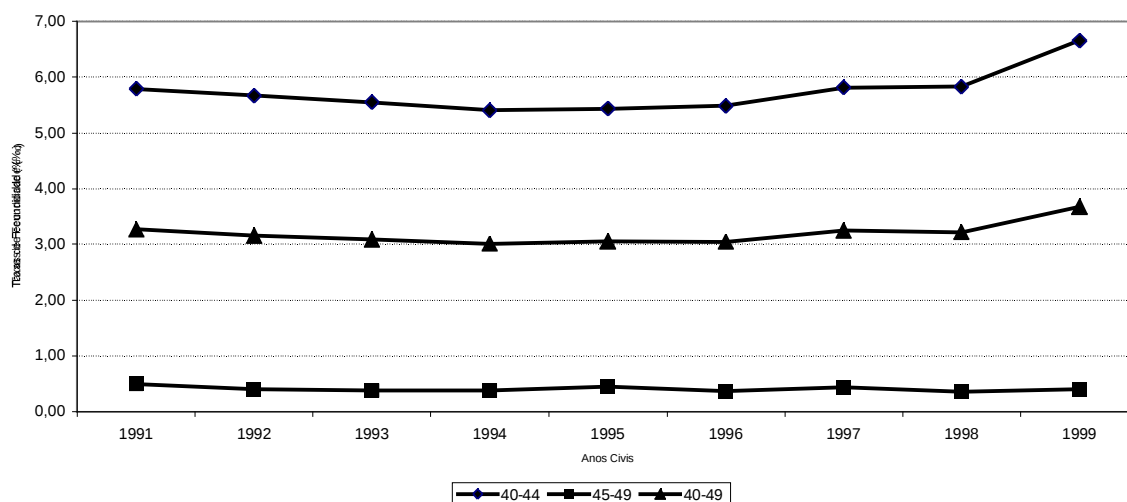
Verificando-se neste grupo de idade a mais baixa taxa de fecundidade de todo o período fértil (3,67‰), o número de nascimentos ocorridos depois dos 40 anos é assim francamente inferior ao verificado no grupo de idade imediatamente anterior, já que entre os 35-39 anos de idade nascem ainda 10,76% do total de nascimentos ocorridos no período fértil.

Dos 40 aos 50 anos de idade é, indiscutivelmente, no primeiro grupo de idade (40-44) que reside o grande contributo para os nascimentos que ocorrem depois desta idade⁶.

⁶ O número de nascimentos que ocorrem depois dos 45 anos de idade é de tal forma reduzido que R. Pressat (1976) ao apresentar a fórmula de cálculo da taxa global de fecundidade afirma mesmo que esta se poderia reportar apenas à população feminina compreendida entre os 15 e os 44 anos de idade. Afirma o autor, com referência à taxa de fecundidade global: "Il se définit comme le rapport des naissances vivantes à la population féminine âgée de 15 à 49 ans ou quelquefois même de 15 à 44 ans (la fécondité après 45 ans est très faible)." (Pressat, 1976: 178).

Analisando a evolução da fecundidade depois dos 40 anos de 1991 a 1999 [Gráfico 1], constata-se, não obstante a fraca expressão dos dados apresentados, um ligeiro acréscimo dos nascimentos ocorridos neste grupo de idade. De facto, até 1995 continuamos ainda a verificar uma quebra nos nascimentos que ocorrem depois dos 40 anos, mas depois desta data, a tendência inverte-se no sentido ascendente.

Gráfico 1. Fecundidade depois dos 40 anos Portugal 1991-1999



Fonte: INE, XIII Recenseamento Geral da População e Estatísticas Demográficas 1991-1999

De uma forma mais específica, o grupo de idade dos 40-44 anos é aquele que contribui de forma decisiva para a fecundidade após os 40 anos, o que justifica que a evolução aqui registada seja semelhante e influencie de forma determinante a evolução global da fecundidade após os 40 anos, enquanto que a curva relativa ao grupo de idade dos 45-49 apresenta valores residuais praticamente inalteráveis ao longo do período considerado.

Que perfil para a fecundidade depois dos 40?

Tendo em conta que são vários os factores responsáveis pela evolução da fecundidade (Nazareth, 1996), procura-se agora, de acordo com os últimos dados disponíveis, retirados das Estatísticas Demográficas de 1999, desenhar o perfil das mulheres que têm filhos depois dos 40 anos.

Para ajudar à construção deste perfil, considera-se que a opção sobre ter filhos e sobre o *timing* para ter esses filhos é influenciada por uma trilogia de variáveis, designadamente, a educação, o trabalho e a família. Tendo em conta a natureza dos dados apresentados nas estatísticas demográficas, procurár-se-á desenhar o perfil destas mulheres através da sua instrução, profissão, ordem de nascimento dos filhos e natureza de filiação dos mesmos.

Quadro 2. Nados-vivos, por instrução da mãe, depois dos 40 anos de idade Portugal 1991-1999

Instrução da Mãe	Idade da Mãe					
	TOTAL	40 - 44	45 - 49	50 ou mais	40-49	
	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[%]
<i>Não sabe ler nem escrever</i>	936	53	11	1	65	2,8
<i>Sabe ler s/ ter freq. sistema de ensino</i>	1091	64	5	0	69	3,0
<i>1º ciclo</i>	23990	832	57	1	890	38,8
<i>2º ciclo</i>	28435	294	10	0	304	13,2
<i>3º ciclo</i>	20210	251	8	1	260	11,3
<i>Ensino secundário</i>	23675	337	11	0	348	15,2
<i>Ensino superior</i>	17656	343	15	2	360	15,7
<i>Total</i>	116002	2174	117	5	2.296	100

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1999

No que diz respeito ao vector educacional, através dos dados apresentados [Quadro 2], é possível concluir que as mulheres que têm filhos depois dos 40 anos de idade têm, na sua maioria, como habilitações literárias máximas o 1.º ciclo, designadamente, 38,8% dos nascimentos ocorridos depois dos 40 anos ocorrem em mulheres que tem como instrução máxima o 1.º ciclo e em segundo e terceiro lugar em mulheres que tem como habilitações máximas o ensino superior (15,7%) e o ensino secundário (15,2%). Feitas as contas, parece haver uma dicotomia no que diz respeito à instrução das mães que têm filhos depois dos 40 anos em dois pólos opostos da instrução: ora baixa (1º. Ciclo) ora elevada (ensino superior).

Quadro 3. Nados-vivos, por profissão da mãe, depois dos 40 anos de idade Portugal 1991-1999

Profissão da Mãe	Idade da Mãe					
	TOTAL	40 - 44	45 - 49	50 ou mais	40 e mais	
	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[%]
0	249	2	0	0	2	0,1
1	1329	31	0	0	31	1,4
2	12199	234	10	2	246	10,7
3	6331	151	5	1	157	6,8
4	13376	214	9	0	223	9,7
5	15991	261	10	0	271	11,8
6	1823	37	2	0	39	1,7
7	25012	310	17	0	327	14,2
8	858	13	1	0	14	0,6
9	5181	161	10	0	171	7,4
<i>Ignorada ou Não indicada</i>	33653	760	53	2	815	35,5
<i>Total</i>	116002	2174	117	5	2296	100

(0) Forças Armadas; (1) Quadros Superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas; (2) Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; (3) Técnicos e Profissionais de nível intermédio; (4) Pessoal administrativo e similares; (5) Pessoal dos serviços e vendedores; (6) Agricultores e Trabalhadores qualificados das Agricultura e pescas; (7) Operários, artífices e trabalhadores similares; (8) Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem; (9) Trabalhadores não qualificados.

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1999

Da análise da profissão [Quadro 3], podemos concluir que os nascimentos ocorridos após os 40 anos, deixando de lado aqueles que ocorrem em mulheres com profissões ignoradas ou não indicadas (35,5%) e sobre os quais não dispomos de informação adicional, ocorrem de forma mais ou menos similar entre operários, artífices e trabalhadores similares (14,2%), pessoal dos serviços e vendedores (11,8%) e especialistas das profissões intelectuais e científicas (10,7%), polarizando de novo os nascimentos em dois polos opostos: profissionais menos e mais qualificados, na sequência do que a polarização nas habilitações literárias destas mulheres deixava desde logo antever.

Quadro 4. Nados-vivos, por ordem de nascimento, depois dos 40 anos de idade Portugal 1991-1999

Ordem de Nascimento	Idade da Mãe					
	TOTAL	40 - 44	45 - 49	50 ou mais	40-49	
	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[%]
<i>Primeiro</i>	62963	463	21	1	485	21,1
<i>Segundo</i>	38493	594	22	2	618	26,9
<i>Terceiro</i>	9887	510	28	0	538	23,4
<i>Quarto</i>	2827	309	20	1	330	14,4
<i>Quinto</i>	1053	135	8	1	144	6,3
<i>Sexto</i>	401	74	6	0	80	3,5
<i>Sétimo</i>	197	44	5	0	49	2,1
<i>Oitavo</i>	80	19	2	0	21	0,9
<i>Nono</i>	37	9	2	0	11	0,5
<i>Décimo ou mais</i>	55	17	3	0	20	0,9
<i>Total</i>	116002	2174	117	5	2296	100

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1999

Quanto à estrutura familiar, em sociedades onde o controlo da fecundidade não está muito generalizado, ter filhos depois dos 40 anos é usualmente sinónimo de ter muitos filhos.

O que se passa actualmente em Portugal? Contrariando esta ideia, é possível concluir através dos dados obtidos [Quadro 4] que os nascimentos ocorridos depois dos 40 anos dizem respeito sobretudo a segundos filhos (26,9%), ou terceiros (23,4%) ou então ainda ao primeiro filho (21,1%). No total, temos nos três primeiros filhos 71,4% do total de nascimentos que ocorreram depois dos 40 anos, o que quer dizer que não se trata afinal de filhos que vêm engrossar famílias numerosas os que surgem nesta idade.

Estes dados permitem-nos avançar com algumas reflexões curiosas, designadamente, uma percentagem tão elevada, a maioria dos filhos de facto, como segundos filhos querará significar que se trata do “bébé suplementar” de que fala Óscar Soares Barata? Será que é após os 40 que há, “por parte dos casais um novo desejo de terem mais filhos, fonte de satisfações psicológicas que a implantação da sociedade de consumo permitia melhor avaliar àqueles que já tinham conseguido concretizar os seus mais prementes anseios de bens materiais.” ou será este o “o fenómeno dos bebés adiados ou recusados pelos muitos que procuravam conter os seus gastos nos limites apertados necessários” ou ainda o “o fenómeno do bebé

suplementar, permitido pelos maiores rendimentos e pelas habitações mais amplas” (BARATA, 1985: 9)?

Por outro lado, uma percentagem que não dista muito das anteriores (21,1%) para os primeiros filhos significará que é este o filho porque estas mulheres ansiavam ao longo de todo o seu período fértil e que só agora encontra condições para surgir, em função nomeadamente de um retardamento deliberado da idade de fecundidade ou resultado de um longo processo de tentativa de engravidar ou simplesmente de um casamento tardio.

Neste sentido, este seria o filho “desejado”, o “D. Sebastião”, como refere Ana Paula Relvas para designar o filho desejado pelo casal que, enquanto “elemento revolucionário, este *pequeno tirano* aparece na família envolto em novos mitos de felicidade. Tal como acontece com o casamento, o nascimento do primeiro filho é rodeado de expectativas, se possível, ainda mais românticas e irrealistas. Ele é imaginado como reforço da ligação do casal, como elemento de estabilização de ligações, tanto da nova família como desta com as famílias de origem. Ele é desejado como o ser que traz consigo a felicidade que faltava: é o «D. Sebastião» da família...” (Relvas, 1996: 79).

Quadro 5. **Nados-vivos, por filiação, depois dos 40 anos de idade** Portugal 1991-1999

Filiação	Idade da Mãe					
	TOTAL	40 - 44	45 - 49	50 ou mais	40-49	
	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[V.A.]	[%]
<i>Dentro do casamento</i>	91807	1555	84	2	1641	71,5
<i>Fora do casamento</i>	24186	619	33	3	655	28,5
<i>Com coabitação dos pais</i>	18028	468	27	1	496	21,6
<i>Sem coabitação dos pais</i>	6158	151	6	2	159	6,9
<i>Filiação ignorada</i>	9	0	0	0	0	0,0
<i>Total</i>	116002	2174	117	5	2296	100

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1999

Quanto à filiação [Quadro 5], à semelhança do que acontece com os nascimentos de uma forma geral, também os nascimentos depois dos 40 anos surgem, de uma forma esmagadora, dentro do casamento (71,5%) e só depois e com muito menos peso, aqueles que surgem fora do casamento (28,5%). De referir apenas que se nota entre os nascimentos após os 40 anos esta mesma tendência mas uma distribuição diferente entre as percentagens, o que quer dizer que temos depois dos

40 anos uma percentagem superior de nascimentos fora do casamento do que a verificada para o total de nascimentos, o que permite, por sua vez, colocar a questão de saber, até que ponto, este facto não se deve ao conjunto de transformações ocorridas na vida familiar que levam a que, mulheres envolvidas em reconstituições familiares optem por ter filhos como forma de consolidar uma nova união. Estaremos então perante variações da fecundidade em função de re-uniões, dado que sabemos que em populações que praticam a limitação voluntária dos nascimentos, em idades iguais, a fecundidade será tanto maior quanto mais recente for o casamento (Pressat, 1976).

Aproximamo-nos ao mesmo tempo novamente da representação do filho como D. Sebastião, mas agora como o filho que vem reforçar uma nova união, na ideia que a união implica a passagem da díade à tríade e de que "um e um são de novo três, quando o casal encara a parentalidade e se transforma ou equaciona a possibilidade de se transformar em par parental, interferindo na sua relação a *família do futuro*" (Relvas, 1996: 53).

Enquanto há tempo, ainda é tempo

O período fértil marca os limites da fecundidade entre os 15 e os 50 anos. Todavia, sempre as mulheres tiveram filhos entre estes dois extremos e próximo de cada um deste extremos.

Ter filhos depois dos 40 anos, isto é, na última década do período fértil, é visto muitas vezes como característica de uma sociedade onde a contracepção não está generalizada, uma sociedade tradicional, rural, onde as mulheres fazem coincidir o ciclo reprodutivo com o período fértil.

Analisados estes nascimentos para a última década em Portugal, é possível verificar um ligeiro acréscimo no número de nascimentos que ocorrem depois dos 40 anos. Traçado o perfil destas mulheres, rapidamente se conclui sobre uma dicotomia no que diz respeito à instrução das mães que têm filhos depois dos 40 anos em dois pólos opostos da instrução: ora baixa, ora elevada, dicotomia que se estende também ao campo profissional, menos e mais qualificadas, na sequência aliás do que a polarização nas habilitações literárias destas mulheres deixava desde logo antever. Estes nascimentos são, para além disso, nascimentos que dizem respeito sobretudo a segundos, terceiros e mesmo primeiros filhos, refutando assim a ideia de que se trata de filhos que vêm engrossar o caudal de famílias numerosas, até porque com uma

expressão superior ao que acontece em termos globais, muitas destas crianças surgem fora do casamento.

A romper o estigma do determinismo sociocultural que remete a reprodução para um conjunto de anos socialmente definidos no curso de vida familiar e a fugir de alguma forma à regra, surgem os desvios que fogem ao padrão etário da fecundidade. Na última década do período fértil, a questão “how old is too old” (TAEUBER *et al*, 1978: 54) é, antes de mais, uma questão que tem de ser analisada à luz de um contexto específico, onde não podemos negligenciar questões educacionais, profissionais e familiares, que permitem caracterizar o fenómeno no limiar entre o descuido e a opção.

Desenhar o perfil das mulheres que têm filhos depois dos 40 anos de idade é perceber pouco a pouco os contornos de um conjunto de mulheres, não daquelas onde o acaso ou o descuido bateu à porta mas aquelas que, deliberadamente optam por ter filhos quando tudo indica que é já tarde demais ou quase tarde demais para o fazer. De mulheres que, enquanto ainda é tempo, optam por ter filhos antes que a menopausa encerre definitivamente essa possibilidade, naquilo que mais parece ser um padrão “rural” para um comportamento “urbano”.

Bibliografia

- Bandeira, M. (1996). *Demografia e Modernidade – Família e transição demográfica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Barata, O. (1985). *Natalidade e Política Social em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Instituto Nacional de Estatística (1991). *XIII Recenseamento Geral da População*. Lisboa: INE.
- Instituto Nacional de Estatística (1991-1999) *Estatísticas Demográficas*. Lisboa: INE.
- Klein, D. e White, J. (1996). *Family Theories: an introduction*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Mendes, Maria Filomena Ferreira (1992). *Análise sociodemográfica do declínio da fecundidade da população portuguesa na década de 80: o caso particular do custo económico da criança*. Évora: Universidade de Évora (Tese de Doutoramento).

Nazareth, J.M. (1996). *Introdução à Demografia*. Editorial Presença: Lisboa.

Pressat, R. (1973). *L'analyse Démographique*. PUF: Paris.

Relvas, Ana Paula (1996). *O ciclo vital da família – perspectiva sistémica*, Porto: Edições Afrontamento.

Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.

Taeuber, K. *et al.*, [Eds.] (1978). *Social Demography*. New York: Academic Press, Inc.